

## Um olhar sobre as temáticas de gênero e sexualidade nos cursos de formação docente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs)

Daniella Vieira Magnus<sup>1</sup>  
Sita Mara Lopes Sant'Anna<sup>2</sup>  
Jane Felipe<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende discutir, a partir de uma pesquisa sobre a inclusão das temáticas de gênero e sexualidade no ensino, na pesquisa e na extensão dos cursos oferecidos pelas universidades, sobretudo daqueles que formam profissionais em educação, a relevância dessas questões, no sentido de romper com determinados preconceitos e violências, especialmente aqueles que dizem respeito às identidades. Para tanto, foi realizada uma análise minuciosa sobre as matrizes curriculares dos cursos de formação de professores/as, sobre as pesquisas e as extensões que a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul vem desenvolvendo nas temáticas gênero e sexualidade. Os resultados apontaram que apenas o curso de Letras - Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa não possui disciplinas obrigatórias e eletivas que direcionam discussões em tais assuntos. Constatou-se, também, que as temáticas que predominavam nas pesquisas apresentadas versavam sobre a violência contra a mulher, o feminicídio e a desigualdade de gênero. Tais estudos foram propostos, em maior parte, no curso de Pedagogia (Licenciatura) da Unidade Universitária em Alegrete. Destaca-se ainda a necessidade de uma maior explanação das questões referentes às identidades de gênero e às identidades sexuais, por conta de discriminações relatadas por discentes dentro da Instituição.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Formação docente.

**Abstract:** *This article intends to discuss, based on research on the inclusion of gender and sexuality issues in teaching, research and the extension of courses offered by universities, especially those that train professionals in education, the relevance of these issues, in the sense of breaking with certain prejudices and violence, especially those concerning identities. To this end, a thorough analysis was carried out on the curricular matrices of teacher training courses, on the research and extensions that the State University of Rio Grande do Sul has been developing in the themes of gender and sexuality. The results showed that only the Letters - Portuguese Language and Portuguese Language Literature course does not have*

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação da Faculdade de Educação (Faced/UFRGS).

<sup>2</sup> Doutora em Educação, docente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs).

<sup>3</sup> Doutora em Educação, docente da Faculdade de Educação (Faced/UFRGS).

*mandatory and elective disciplines that direct discussions on such subjects. It was also found that the themes that predominated in the research presented were about violence against women, femicide and gender inequality. Such studies were proposed, for the most part, in the Pedagogy course (Licenciatura) at the University Unit in Alegrete. It also highlights the need for a greater explanation of issues related to gender identities and sexual identities, due to discrimination reported by students within the Institution.*

**Keywords:** Gender. Sexuality. Teacher training.

## **Introdução**

O presente artigo discute a importância da abordagem das temáticas gênero e sexualidade nos cursos de formação docente das universidades brasileiras, visto que parte dos/as educadores/as não se sentem preparados para abordar tais assuntos quando estão desenvolvendo a docência em sala de aula. Nesse contexto, o espaço escolar permanece sendo um ambiente hostil, muitas vezes gerador de violências.

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém ‘assuma’ sua condição homossexual, bissexual ou transgênera. Com a suposição de que só pode haver um tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora formas não heterossexuais de sexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, dessa forma oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos (LOURO, 2019, p. 37).

Diante desses acontecimentos, parte dos/as docentes procuram capacitações após a formação acadêmica, caracterizadas, em alguns casos, como não contínuas ou por momentos pontuais.

Ana Flávia Madureira e Ângela Uchôa Branco (2015) afirmam que há docentes que até possuem concepções dos seus papéis pedagógicos diante das questões de gênero e de sexualidade, mas se sentem pouco motivados/as para lidarem com tais demandas, porque eles/as também

podem ser agentes reprodutores da cultura sexista, homofóbica e transfóbica ou têm a preocupação de ir contra a educação familiar.

Guacira Louro (2018) aponta que no terreno dos gêneros e das sexualidades, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado além do masculino/feminino, heterossexual/homossexual. O desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas, e as possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se.

Para Martha Narvaz, Sita Mara Lopes Sant'Anna e Fani Tesseler (2013, p. 95) “compreender a complexidade da categoria analítica gênero é fundamental à compreensão dos processos de produção das subjetividades, que não podem ser reduzidas a identidades sexuadas estabilizadas no que se convencionou chamar homens e mulheres, masculino e feminino”.

Conforme mostraremos neste artigo, não é incomum, por exemplo, encontrarmos projetos de pesquisa e extensão que são desenvolvidos sob o entendimento de que a temática gênero se refere exclusivamente a mulheres (cisgêneras), deixando de lado a importante discussão dos estudos das masculinidades, das identidades de gênero (que incluem as pessoas transgêneras e não-binárias), do papel dos scripts de gênero sobre os corpos sexuados, entre outros assuntos.

O conceito de scripts de gênero, proposto pela pesquisadora Jane Felipe (2016; 2019), passou a ser utilizado por ela a partir da analogia com o campo da arte, “uma vez que eles consistem em roteiros por meio dos quais autores/as, diretores/as e roteiristas vão determinando as cenas, apontando definições e marcações [...] de que forma precisam agir nas situações previstas, etc”. No entanto, ao mesmo tempo em que os scripts de gênero, a partir de inúmeros discursos (religioso, médico, jurídico, midiático, etc.) e instituições (família, igreja, escola), tentam conduzir as ações das pessoas, também permitem, de certa maneira, possibilidades de rompimentos,

negociações e subversões de tais expectativas histórica, cultural e socialmente construídas.

Nesse sentido, é primordial que essas temáticas sejam tensionadas de maneira densa nos cursos universitários, sobretudo nos cursos de formação de educadores/as, tendo em vista um melhor preparo desses/as profissionais, e que além dos conteúdos, sejam trabalhadas metodologias de aprendizagem aplicáveis e condizentes às diferentes faixas etárias da população estudantil. Dessa maneira, discutimos a proposta de repensar a elaboração do currículo de formação de professoras/es, para que modos de ser e agir em relação a gênero e sexualidade não sejam produzidos (e reproduzidos) de acordo com a hegemonia que se pretende manter, mas com a possibilidade de operacionalização de outros pensamentos e olhares.

### **O papel da educação frente às questões de gênero e de sexualidade**

Desde cedo, pessoas LGBTQIA+<sup>4</sup> veem-se às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída por ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas e verbais. Orquestrada pela cisheteronormatividade, os processos de construção de sujeitos compulsoriamente cisgêneros e heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da transexualidade e da homossexualidade. Apesar da existência de dispositivos sociais que se naturalizam nas relações cotidianas e tomam formas visíveis de como os indivíduos devem ser, portar-se, falar, gesticular e sentir, em um processo de altas doses de cerceamento, aos poucos vem crescendo no país, principalmente em instituições públicas, a percepção em relação à importância da educação como instrumento para romper com os scripts de gênero instituídos socialmente, e garantir oportunidades efetivas de participação de todos/as nos diferentes espaços sociais. Como exemplo, insta mencionar a criação de “ações afirmativas” para a população transgênera, com o objetivo de a inserir, não somente no sistema

---

<sup>4</sup> A sigla LGBTQIA+ significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros grupos.

educacional, mas também no mercado de trabalho formal, visto que durante a história essa parcela da população vem sofrendo duros estigmas e preconceitos, tornando-a destituída de oportunidades iguais, direitos, voz, qualificação profissional, saúde, segurança e principalmente educação.

Observamos, no entanto, que na base educacional - nas instituições escolares -, que deveria promover, por meio de diretrizes curriculares e projetos político-pedagógicos, debates e reflexões a respeito das questões ligadas aos gêneros (e suas identidades) e às sexualidades, meninos e meninas ainda são tensionados a produzir performances de gênero que correspondam com a expectativa cultural, política, estética, e, sobretudo, social do que é representado pela masculinidade e feminilidade que se pretende hegemônica. A performatividade não seria, portanto, o resultado de um ato consciente, mas de uma prática repetitiva, aprendida em casa e na escola, por exemplo. Berenice Bento (2006, p. 90) ressalta que “a infância é o momento em que os enunciados performativos são interiorizados e em que se produz a estilização dos gêneros: “Homem não chora!”, “Sente-se como uma menina!”, “Isto não é coisa de uma menina!”. Nesse contexto, as instituições educativas emergem como espaços de tratamento moral, convertendo-se no lugar onde, além de oportunizar o acesso a novos saberes, difunde técnicas pedagógicas dirigidas para “normalizar” os/as alunos/as.

Rogério Diniz Junqueira (2009) destaca que a escola é um espaço no interior do qual a e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, sobretudo se ali forem subvertidos ou abalados valores, crenças, representações e práticas associados a preconceitos, discriminações e violências de ordem racista, sexista, misógina, homofóbica e transfóbica.

As universidades também precisam constantemente tensionar os currículos de seus cursos, desenvolvendo um trabalho voltado a trazer elementos que auxiliem os/as acadêmicos/as, sobretudo dos cursos de licenciatura, a refletirem sobre a misoginia, a cisheteronormatividade, a problematizar

concepções preconceituosas e as práticas discriminatórias existentes na sociedade.

E é dentro do espaço acadêmico que se centra nossa discussão a seguir, na tentativa de proporcionar algumas reflexões, lançando um olhar sobre a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) e suas ações nas temáticas gênero e sexualidade, analisando as matrizes curriculares dos cursos de licenciatura; as oficinas, as palestras e os seminários oferecidos; os projetos de pesquisa e/ou extensão desenvolvidos; e as produções científicas publicadas em tais temáticas.

### **A Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) e as ações nas temáticas gênero e sexualidade**

A Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) foi criada pela Lei 11.646 e possui uma estrutura multicampi (presente em 23 municípios do Estado). De acordo com Falavigna *et al.* (2002), a instituição acadêmica visa, entre outras questões, a produção de conhecimentos por meio da pesquisa, do ensino e da formação permanente a partir de problemas concretos pertinentes à vida e à cultura do povo gaúcho.

Os cursos de licenciatura ofertados são em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (Unidades Universitárias em Montenegro e Porto Alegre), e nas áreas de Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa (Unidade Universitária em Porto Alegre) e Pedagogia (Unidades Universitárias em Alegrete, Bagé, Cruz Alta, Osório, São Francisco de Paula e São Luiz Gonzaga).

A escolha da Uergs como local para se realizar este estudo decorre de alguns motivos. O primeiro deles diz respeito ao machismo enraizado na cultura gaúcha em relação às questões de gênero e de sexualidade. Sob o véu da tradição se escondem preconceitos velados, seja em relação às mulheres cisgêneras e transgêneras, seja em relação aos/às homossexuais ou a todos/as que destoam do modelo do macho forte, provedor e onipotente.



De acordo com o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*, publicado em 2022, a violência contra a mulher no Estado do Rio Grande do Sul segue em trajetória ascendente. Ao menos 106 vítimas foram assassinadas por questões de gênero. Em 2021 ocorreram 96 mortes. Houve, portanto, um aumento de 10,4% em relação ao ano anterior.

O segundo motivo se ampara no fato de que por mais que a sociedade tenha se desenvolvido e uma parcela das mulheres esteja ocupando hoje um papel social significativo - sob todos os aspectos -, parte da cultura tradicionalista gaúcha ainda se mostra resistente a adaptações. De acordo com o historiador Jocelito Zalla (2016), o mito do “gaúcho” heroico, branco e elitizado é altamente identificado com o universo masculino, e a figura feminina, a “prenda”, foi construída como um negativo desse gaúcho: “frágil, dócil, recatada”. O machismo, segundo ele, é, portanto, algo persistente no universo regional e precisa ser desconstruído, pois limita as relações interpessoais e descamba, com frequência, em violência simbólica e física. O pesquisador ainda ressalta que o tradicionalismo também tem muita dificuldade em lidar com os/as homossexuais, pois desvaloriza qualquer identidade descolada do padrão engessado da masculinidade estereotipada (NECHI, 2016).

Diante desse cenário, a Uergs tem um importante papel a desempenhar na educação gaúcha, tendo em vista que é voltada para a melhoria da qualidade de vida da população e para a superação de obstáculos que restringem a construção da existência plena da cidadania.

Com relação às matrizes curriculares dos cursos de licenciatura da Uergs, ao realizarmos o mapeamento, constatamos que apenas o curso de Letras não ofertava disciplinas obrigatórias e eletivas que se propusessem a discutir as temáticas gênero e sexualidade, ao contrário dos cursos de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, que oferecem a disciplina “Políticas, Educação, Diversidade e Direitos Humanos”, que tem como objetivos conhecer a história dos Direitos Humanos, a sua relação com a noção de democracia e suas implicações para as políticas educacionais; identificar as principais pautas

políticas contemporâneas de luta por reconhecimento, equidade e reparação, referentes a questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade, e suas consequências para a educação; e reconhecer os desafios e as possibilidades para a atuação pedagógica docente, a partir da perspectiva da Educação para os Direitos Humanos.

No curso de Pedagogia é oferecida a disciplina “Educação e Direitos Humanos”, que se propõe a promover reflexões sobre as Políticas Nacionais de Direitos, suas diferentes dimensões; e desenvolver estratégias consonantes com práticas em Educação e Direitos Humanos. Entre os conteúdos apresentados está a diversidade de gênero e de sexualidade.

Enfatizamos que ainda no curso de Pedagogia há uma disciplina eletiva denominada “Sexualidade na infância”, que busca discorrer sobre a situação da educação sexual (e a infância) no contexto da educação brasileira, e auxiliar na preparação de práticas pedagógicas no campo da educação sexual.

### **Sobre as oficinas, palestras e seminários**

Para que fosse possível realizar o mapeamento das oficinas, palestras e seminários nas temáticas gênero e sexualidade desenvolvidos na Uergs (quadro 1), consultamos os currículos dos/as docentes dos cursos de licenciatura (acessados na Plataforma Lattes) e solicitamos relatório à Pró-reitoria de Extensão (Proex).

Quadro 1 - As temáticas gênero e sexualidade nas oficinas, palestras e seminários oferecidos na Uergs

Período	Oficina/Palestra/Seminário	Unidade de Ensino
2011	<i>Aula Inaugural do Curso de Pedagogia: Mulheres, Educação e Trabalho: Desafios Contemporâneos</i>	Alegrete



<b>2012</b>	<i>Aula Inaugural do Curso de Pedagogia: Uergs e comunidade no enfrentamento da violência contra meninas e mulheres</i>	Alegrete
<b>2017</b>	<i>Nem tão doce lar...Exposição alusiva à violência contra as mulheres</i>	Alegrete
<b>2017</b>	Arte de mulheres e/ou arte feminista? Intersecções entre gênero, arte e educação	Bagé
<b>2020</b>	O corpo machucado: Enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes	Alegrete
<b>2020</b>	Deusas, corpos e feminismos: crítica feminista às representações das mulheres na arte	Alegrete
<b>2021 - 2022</b>	Duas edições do Curso de Qualificação sobre Violência contra as Mulheres para Profissionais das Patrulhas Maria da Penha	Alegrete
<b>2022</b>	Ciclo de palestras sobre Gênero, Sexualidade e Educação, com carga horária de 60 horas.	Beneficiou o público das cidades de Alegrete, Osório, Porto Alegre, Capão da Canoa, Bagé, Cerro Largo (evento on-line via <i>google meet</i> ).

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

Observamos, por meio dos dados disponibilizados, que a unidade universitária em Alegrete foi a que mais desenvolveu atividades na temática gênero. O assunto sexualidade apareceu em um único momento: em um curso com carga horária de 60 horas, mas que, no entanto, não foi estendido a todos os campus da Uergs.

De acordo com Martha Narvaz, docente do Curso de Pedagogia de Alegrete, e coordenadora de grande parte dos projetos apresentados, “há

desconhecimento dos/as educadores/as em relação aos estudos de gênero e de sexualidade". São poucos os que entendem as temáticas e pensam ser fundamentais”.

Daniella Magnus (2020), analista bibliotecária da Uergs, em sua pesquisa de mestrado intitulada Gênero e Sexualidade - dos conteúdos aos discursos: um olhar sobre os planejamentos dos estágios curriculares supervisionados dos cursos de Pedagogia - Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), após a análise de 247 planejamentos, dos anos 2017 e 2018, das três modalidades de estágio curricular de seis cursos de Pedagogia da Uergs: Educação Infantil (estágio I), Anos Iniciais do Ensino Fundamental (estágio II) e Educação de Jovens e Adultos - EJA (estágio III), constatou que apenas 24 planejamentos (9,8% do total analisado) trouxeram enunciados com discursos nas temáticas gênero e sexualidade. Os dados da pesquisa deram origem à publicação do estudo denominado “Por que educar para a diversidade de gênero e de sexualidade? Orientações para a formação de profissionais da Educação Básica”, que se propõe a contribuir com o processo formativo em tais temáticas de educadores/as, bibliotecários/as, orientadores/as educacionais e dos/as acadêmicos/as dos cursos de formação de professores/as que atuam/atuarão na Educação Básica.

### **Mapeando os projetos de pesquisa e/ou extensão**

No quadro 2, são expostos os projetos de pesquisa e/ou extensão desenvolvidos na Uergs nas temáticas gênero e sexualidade. Os dados apresentados são provenientes dos levantamentos feitos pelas pesquisadoras nos currículos dos/as docentes dos cursos de licenciatura da Instituição na Plataforma Lattes.

Destacamos, no entanto, que não identificamos projetos de pesquisa e/ou extensão nas temáticas “identidades de gênero” e “sexualidades” propostos/desenvolvidos por docentes dos cursos das licenciaturas.

Quadro 2 - As temáticas gênero e sexualidade nos projetos de pesquisa e/ou extensão da Uergs.

Projeto de Pesquisa e/ou Extensão	Descrição
<p align="center"><b>2011 – 2012 (Alegrete)</b></p> <p align="center"><i>Saberes e práticas de gênero da EJA em Alegrete e São Francisco de Paula.</i></p>	<p>Projeto de pesquisa que buscou investigar os discursos e as práticas relativas às concepções de gênero que circulam nos espaços escolares da EJA, em duas regiões distintas do Estado do Rio Grande do Sul - Alegrete, na Fronteira Oeste e São Francisco de Paula, na Serra Gaúcha.</p>
<p align="center"><b>2013 – 2015 (Alegrete)</b></p> <p align="center"><i>Mapeamento e avaliação das políticas públicas para as mulheres vítimas de violência nos Município de Alegrete, Cruz Alta, Osório, Frederico Westphalen e São Luiz Gonzaga</i></p>	<p>Projeto de pesquisa que buscou fazer o mapeamento das políticas para as mulheres vítimas de violência a fim de identificar sua institucionalidade e operacionalidade. Ao final do estudo, foram propostas atividades de capacitação e de articulação das redes de proteção.</p>
<p align="center"><b>2013 – 2015 (Alegrete)</b></p> <p align="center"><i>Mapeamento dos indicadores de violência contra crianças e adolescentes no município de Alegrete/RS</i></p>	<p>Projeto de pesquisa que buscou fazer o mapeamento dos indicadores de violência a partir das instituições da rede de proteção do Município de Alegrete visando identificar a efetividade das políticas e sua institucionalização na rede.</p>
<p align="center"><b>2018 – 2019 (Alegrete)</b></p> <p align="center"><i>Análise das desigualdades de gênero nos institutos das licenças maternidade e paternidade no Brasil</i></p>	<p>Projeto de pesquisa que integrou a produção de diferentes Grupos de Pesquisa Institucionais da Uergs e teve por objetivo analisar as desigualdades de gênero inscritas nos institutos das licenças maternidade e paternidade no Brasil. Por meio da análise documental, foi investigada a legislação atual a fim de identificar os discursos ali inscritos.</p>

<p style="text-align: center;"><b>2019 - 2019 (Bagé)</b></p> <p style="text-align: center;">Projeto "Pequenos como eu"</p>	<p>Projeto de extensão que desenvolveu uma oficina de bonecos inclusivos em tamanho de crianças de cinco anos que representam a diversidade: cadeirantes, surdos, deficientes visuais, transgêneros, negros, entre outros. A proposta pretendeu valorizar a utilização do brinquedo como subsídio ao processo ensino-aprendizagem.</p>
--	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

O projeto intitulado “Saberes e práticas de gênero da EJA em Alegrete e São Francisco de Paula”, desenvolvido até 2012, atendeu a reiteradas demandas das comunidades de Alegrete e São Francisco de Paula endereçadas à Uergs em relação à formação continuada de educadores/as dos referidos municípios. Tais solicitações apontaram para a necessidade de capacitação da rede de educação diante dos desafios contemporâneos na adequada abordagem das “questões da sexualidade, das relações de gênero e das diversidades sexuais”.

O quadro 3 expõe um mapeamento dos trabalhos nas temáticas gênero e/ou sexualidade apresentados nas edições do Salão de Iniciação Científica (Sic) e no Salão Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da Uergs (Siepex), até o ano de 2021. No ano de 2022 a instituição universitária não promoveu o evento.

O Siepex tem como objetivo valorizar e promover a participação de estudantes de graduação em atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão em um ambiente adequado ao intercâmbio de informações, visando auxiliar na pesquisa científica, na extensão, ensino e no desenvolvimento tecnológico junto à sociedade.

Quadro 3 - Pesquisas nas temáticas gênero e sexualidade apresentados no Sic (2009/2010) e no Siepex (2011/2021)<sup>5</sup>

Pesquisa	Siepex - Edição/Local/Ano
MONTEIRO, D. S.; MULLER, B. B.; BAIROS, F.; OLIVEIRA, L.; COLLAZIOL, M. E. Rotas críticas: a trajetória das mulheres na superação das violências	SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 1., 2009 Porto Alegre. <b>Anais</b> [...]. Porto Alegre: Uergs, 2009. p. 28.
NARVAZ, M. A boniteza de um sonho do Alegrete: Uergs e comunidade no enfrentamento da violência contra meninas e mulheres.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 1., 2011. <b>Anais</b> [...]. Santa Cruz do Sul: Uergs, 2011.
ALMEIDA, P.; SANTANNA, S. M. L. ; NARVAZ, M. G.; RECK, A. V. ; SILVEIRA, L. Saberes e práticas de gênero da EJA em Alegrete e São Francisco de Paula.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 2., 2012. <b>Anais</b> [...]. São Luiz Gonzaga: Uergs, 2012. p. 73-74.
NARVAZ, M. G.; OLIVEIRA, V. M. A boniteza de um sonho no Alegrete: Uergs Alegrete Pedagogia na promoção da educação não sexista.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 3., 2013. <b>Anais</b> [...]. Santana do Livramento: Uergs, 2013. p. 33-34.
NARVAZ, M. G.; SILVA, R. A.; CASTRO, Juliane A. Mapeamento das políticas de proteção de mulheres vítimas de violência no município de Alegrete.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 3., 2013. <b>Anais</b> [...]. Santana do Livramento: Uergs, 2013.
RUSSO, J. R. ; NARVAZ, M. G. Análise preliminar do impacto das ações de extensão de um programa de enfrentamento à violência de gênero nas comunidades locais da Uergs.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 129.
NAYMAER, L. G. ; NARVAZ, M. G. Resultados preliminares do mapeamento das políticas	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 131.

<sup>5</sup> Todos os anais de eventos do Sic e do Siepex estão disponíveis para consulta na página da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Uergs. Acesso em: [proex.uergs.edu.br/programas/siepex](http://proex.uergs.edu.br/programas/siepex).

públicas para as mulheres no Município de Alegrete.	
SILVA, D. M.; SARDAGNA, H.; NARVAZ, M. G. Enfrentamento das desigualdades de gênero na região Litoral Norte.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 198.
RECK, A. V.; NARVAZ, M. G. Pedagogias da igualdade: apresentação da proposta do programa de extensão Proext/Mec 2013 no campo da educação não sexista.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 112.
FRIZON, R. ; NARVAZ, M. G. A Lei Maria da Penha e sua aplicabilidade: um estudo de caso no Estado do Rio Grande do Sul.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 214.
SILVA, R. A. da.; NARVAZ, M. G. Resultados preliminares de estudo sobre a trajetória das mulheres vítimas de violência nos assentamentos do MST no município de Santana do Livramento.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 226.
NARVAZ, M. G.; SANTANNA, S. M. L. ; SEMENSATO, S. ; LOPES, R. ; VILARROEL, H. Movimentos sociais e universidade: ações acadêmicas das IES públicas do Estado para reconhecimento de temáticas de gênero e violência contra meninas e mulheres.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 255.
ABREU, T. M.; NARVAZ, M. G. Discursos de gênero na educação infantil: Resultados preliminares.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 275.
RECK, C. A.; NARVAZ, M. G. Ciências Exatas é coisa de menino? análise da distribuição por gênero nos cursos da Uergs 2012-2014.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 4., 2014. <b>Anais</b> [...]. Vacaria: Uergs, 2014. p. 130.



WINTER, C. M. CICHET, A. C.; DALMUT, D.; CENCI, D.; DEGGERONE, Z. A. Mulheres conquistando espaço e gerando renda no campo.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 5., 2015. <b>Anais</b> [...]. Frederico Westphalen: Uergs, 2015. [publicação on-line].
SILVA, V.; NARVAZ, M. G.; SANTAIANA, R. Gênero e educação: a constituição de subjetividades femininas em artefatos contemporâneos.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 6., 2016. <b>Anais</b> [...]. Bagé: Uergs, 2015. [publicação on-line].
FERREIRA, E. G.; LEITE NETO, A.; MOTTA, M. N. Uergs sem LGBTfobia	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 6., 2016. <b>Anais</b> [...]. Bagé: Uergs, 2015. [publicação on-line].
FERREIRA, E. G.; SILVA, S. C.; MOTTA, M. N. Uergs sem LGBTfobia: a luta que nos une.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 7., 2017. <b>Anais</b> [...]. Tapes: Uergs, 2017. [publicação on-line].
KORB, V.; GUERRA, D.; BOHRER, R. E. A importância do apoio da família no meio LGBTQI.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 8., 2018. <b>Anais</b> [...]. Cachoeira do Sul: Uergs, 2018. [publicação on-line].
GONÇALVES, C. M.; ARABITES, M. A.; TOMAZ, M. L. Educação do Campo e Feminismo: trabalho realizado na Efasol em prol do empoderamento das estudantes.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 8., 2018. <b>Anais</b> [...]. Cachoeira do Sul: Uergs, 2018. [publicação on-line].
FERREIRA, E. G.; LANZANOVA, L. S. Educação em Direitos humanos: por uma Uergs sem preconceitos.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 9., 2019. <b>Anais</b> [...]. Porto Alegre: Uergs, 2019. [publicação on-line].
FERREIRA, E. G.; SEVERO, R. C. V. A importância das discussões sobre LGBTifobia dentro da Uergs	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 10., 2021. <b>Anais</b> [...]. [online]: Uergs, 2021. [publicação on-line].
SILVEIRA, L. da; DEUS, E. S. de. Elas representam quem, cara pálida? Um estudo de gênero.	SALÃO INTEGRADO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 10., 2021. <b>Anais</b> [...]. [online]: Uergs, 2021. [publicação on-line].

Identificamos que grande parte dos trabalhos apresentados pelos/as acadêmicos/as dos cursos de graduação da Uergs versavam sobre a violência contra a mulher, o feminicídio e a desigualdade de gênero. O trabalho

intitulado A boniteza de um sonho do Alegrete: Uergs e comunidade no enfrentamento da violência contra meninas e mulheres, apresentado em 2011, merece destaque neste estudo, pois teve como objetivo mapear a situação da violência doméstica contra mulheres e meninas no município de Alegrete e propor ações para o desenvolvimento de políticas de prevenção desses casos.

Poucos foram os trabalhos que discorreram sobre às identidades sexuais, no entanto a pesquisa denominada A importância das discussões sobre LGBTIfobia dentro da Uergs, apresentada em 2021, trouxe dados importantes a este estudo. Por meio de um formulário disponível no Google, respondido por 91 participantes, foi constatado que 68% deles/as afirmaram já ter sofrido algum tipo de preconceito dentro da universidade. O estudo também aponta que, de acordo com 67% dos/as entrevistados/as, quem pratica ou praticou LGBTIfobia foram discentes e 1% docentes. Nesse sentido, constatamos a necessidade de políticas educacionais dentro da Uergs que propiciem mudanças diante desse cenário.

### **Considerações Finais**

O estudo aponta como fundamental a explanação das temáticas gênero e sexualidade na educação universitária, principalmente nos cursos de licenciatura. É por meio do processo de formação de educadores/as, guiado por um entendimento de que essas questões não devem ser compreendidas como dissociadas da vida, que tornaremos os espaços educativos mais plurais e menos desiguais. Isso implica que devemos perceber os/as jovens a partir dos seus cotidianos, que são também atravessados de raça, classe social, religiosidade, desejos, perspectivas de vida, etc.

Conforme se observou, a Uergs vem promovendo, de maneira tímida, a inserção de debates em relação às questões de gênero e de sexualidade. Atualmente inexistem, por exemplo, projetos de pesquisa e extensão que versam sobre as identidades de gênero e as identidades sexuais. Constatamos, também, que há poucos docentes com formação específica que

desenvolvem pesquisas nessas temáticas. Destacamos, no entanto, como positivo o movimento de incorporação de disciplina obrigatória nos currículos dos cursos de licenciatura da instituição que discutam sobre as temáticas gênero e sexualidade de maneira densa.

No decorrer do mapeamento realizado, identificamos muitas pesquisas realizadas no campo da “educação inclusiva”, no entanto elas se referiam, unicamente, ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), que foi criado para atender crianças com deficiências, transtorno do espectro autista, altas habilidades e superdotação. Este é um serviço de apoio à sala de aula comum, para que se ofereça meios e modos que efetive o real aprendizado dos/as estudantes.

Destacamos, por fim, que por meio do ensino, da pesquisa e da extensão daremos os primeiros passos para desfazer preconceitos, tabus, para se refletir sobre inverdades e construções sociais e culturais distorcidas, já que essa postura vem prejudicando historicamente as relações sociais, e isso demanda, conforme coloca em relevo a pesquisadora Guacira Louro (2014, p. 86), “adotar uma atitude vigilante e contínua no sentido de procurar desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o ‘natural’; isso implica disposição e capacidade para interferir nos jogos de poder”.

### **Referências bibliográficas**

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>. Acesso em: 19 fev. 2023.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FALAVIGNA, Gládis et al. (org.). **Fazendo Universidade: reflexões sobre o ensino na Uergs**. Porto Alegre: Uergs, 2002.

FELIPE, Jane. **Scripts de gênero na educação infantil**. Revista Pátio - Educação Infantil, n. 48. Porto Alegre, Artmed, jul./set. 2016. p. 4-7.

FELIPE, Jane. **Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente**. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (org.). Para Pensar a Docência na Educação Infantil. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas escolas: um problema de todos**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Mec; UNESCO, 2009. p. 13-51.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. Pro-Posições, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchôa. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir da perspectiva de professores/as**. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 577-591, 2015.

MAGNUS, Daniella Vieira. **Gênero e sexualidade - dos conteúdos aos discursos: um olhar sobre os planejamentos dos estágios curriculares supervisionados dos cursos de Pedagogia - Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs)**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação, Litoral Norte – Osório, 2020.

MAGNUS, Daniella Vieira. **Por que educar para a diversidade de gênero e de sexualidade? Orientações para a formação de profissionais da Educação Básica.** Osório, RS: Uergs, 2020.

NARVAZ, Martha Giudice; SANT'ANNA, Sita Mara Lopes; TESSELER, Fani Averbuh. **Gênero e educação de jovens e adultos: a histórica exclusão das mulheres dos espaços de saber-poder.** Diálogo, Canoas, n. 23, p. 93-104, 2013.

NECHI, Vitor. **A necessidade da desconstrução do machismo no universo do gaúcho.** Entrevista especial com Jocelito Zalla. 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/560186-a-necessidade-da-desconstrucao-do-machismo-no-universo-regional-entrevista-especial-com-jocelito-zalla> Acesso em: 06 fev. 2023.